



7 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 18 de fevereiro de 2025

Bolsas Na segunda-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na segunda-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na segunda-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,26% São Paulo	126.521 12/2 13/2 14/2 17/2	R\$ 5,712 (+ 0,29%)	11/fevereiro 5,767 12/fevereiro 5,763 13/fevereiro 5,763 14/fevereiro 5,696	R\$ 5,988	13,15%	13,37%	Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53 Novembro/2024 0,39 Dezembro/2024 0,52 Janeiro/2025 0,16

ALTA DOS PREÇOS

Haddad vê inflação dentro da normalidade

Enquanto o Banco Central aponta para IPCA acima da meta, Haddad destaca indicador abaixo dos dois dígitos

» RAFAELA GONÇALVES

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou que a inflação no patamar entre 4% e 5% está dentro da normalidade para o Plano Real. A declaração foi dada durante a conferência do Fundo Monetário Internacional (FMI) em Al-Ula, na Arábia Saudita.

“O Brasil tem feito um trabalho, tentando encontrar um caminho de equilíbrio e sustentabilidade mesmo em fase de um ajuste importante. O Brasil deixou uma inflação de dois dígitos há três anos. Hoje temos uma inflação em torno de 4% a 5%, que é uma inflação relativamente normal para o Brasil desde o Plano Real há 26 anos”, disse o ministro.

Haddad participou do painel “Um caminho para a resiliência dos Mercados Emergentes”. Em seu discurso, ele abordou como a valorização do dólar pressionou a inflação no Brasil, levando o Banco Central a adotar uma política monetária contracionista. “Por isso o Banco Central teve de intervir para garantir que a inflação fosse controlada”, destacou.

Enquanto isso, economistas do mercado financeiro voltaram a elevar suas projeções para a inflação pela oitava semana consecutiva. Segundo os dados do último Boletim Focus, divulgados nesta pelo Banco Central (BC), a estimativa para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 2025 passou de 5,58% para 5,60%. Para 2026, a projeção subiu de 4,30% para 4,35%. A estimativa para 2027 subiu de 3,90% para 4,00%, enquanto para 2028, passou de 3,78% para 3,80%.

A revisão das projeções afasta ainda mais a inflação da meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), que é

Diogo Zacarias



Ao lado da diretora-gerente do FMI, Kristalina Georgieva, Haddad participou da conferência do organismo sobre mercados emergentes

de 3% em 2025. A margem de tolerância para que ela seja considerada cumprida é de 1,5 ponto percentual para baixo ou para cima. A manutenção das expectativas acima da meta sugere que há incertezas fiscais e externas pesando nas decisões dos agentes econômicos, o que pode dificultar a convergência da inflação.

No que diz respeito aos juros, a expectativa é de que a taxa básica da economia, a Selic, encerre o ano em 15%. De acordo com Haddad, a recente valorização do real frente ao dólar pode ajudar

no controle dos preços e interromper o ciclo de alta na taxa básica de juros, a Selic. “O aumento das taxas será no curto prazo. O dólar voltou a um nível adequado e caiu 10% nos últimos 60 dias. Eu acho que isso vai fazer com que a inflação se estabilize”, afirmou.

Eficácia comprometida

Mesmo com a Selic elevada, o fato de as expectativas de inflação não cederem no ritmo esperado pode indicar um misto de

fatores, conforme destacou Sidney Lima, analista CNPI da Ouro Preto Investimentos. “Uma resistência inflacionária estrutural, dúvidas sobre a condução da política fiscal e um possível repasse cambial, já que o dólar segue em patamar elevado”, disse, ao apontar as possíveis razões.

Segundo ele, esse cenário “compromete a eficácia dos juros altos e reforça a necessidade de uma comunicação mais clara do BC e do governo sobre a estratégia para equilibrar crescimento e controle da inflação”.

“O corte de juros, que antes parecia um cenário possível para o fim do ano, pode ser postergado se essa deterioração das expectativas continuar”, avaliou.

“O mercado parece estar antecipando que a inflação pode exigir um ajuste mais incisivo e prolongado, o que pode impactar a recuperação da atividade econômica e manter o custo de capital elevado. O desafio agora é entender até que ponto esse movimento é reflexo de uma inflação persistente ou apenas uma reação



O Brasil tem feito um trabalho, tentando encontrar um caminho de equilíbrio e sustentabilidade, mesmo em fase de um ajuste importante. O Brasil deixou uma inflação de dois dígitos há três anos. Hoje temos uma inflação em torno de 4% a 5%, que é uma inflação relativamente normal para o Brasil desde o Plano Real há 26 anos”

Fernando Haddad,
ministro da Fazenda

DESEMPENHO ECONÔMICO

Prévia do PIB confirma desaceleração da economia

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), considerado uma prévia do desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, registrou uma queda intensa em dezembro de 2024, mas encerrou o ano com crescimento de 3,8%. Segundo os dados, divulgados pelo Banco Central (BC), o indicador recuou 0,73% no último mês do ano, consolidando uma desaceleração da economia brasileira no 4º trimestre.

Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o índice teve alta de 2,4%. A perda de fôlego nos últimos meses de 2024 ocorreu após a atividade econômica nacional alcançar, em agosto, o maior nível de toda a série histórica, iniciada em janeiro de 2003, de 153,7 pontos.

A queda registrada em dezembro surpreendeu as projeções no mercado. A expectativa do economista-chefe do Banco Bmg, Flávio Serrano, era de que

o indicador tivesse registrado crescimento de 0,4% no período. O resultado, segundo ele, coloca “um risco de o PIB também surpreender negativamente na próxima divulgação”. “O resultado de hoje se soma aos diversos dados divulgados que apontam para uma desaceleração econômica mais dispersa entre os diversos setores da economia”, disse.

A projeção atual do BC para a expansão da economia brasileira em 2024 é de crescimento de 3,5%, conforme o mais recente Relatório Trimestral de Inflação (RTI), divulgado em dezembro. A estimativa é ligeiramente maior que a projeção mais recente do Ministério da Fazenda, que é de 3,3%.

“O PIB, que deve ter fechado 2024 com crescimento próximo de 3,5%, deverá desacelerar para cerca de 2,0% em 2025 e o resultado só não será mais fraco por conta do PIB agropecuário — devido à safra de grãos que

Volkswagen/Divulgação



Indicadores apontam que a indústria deve perder fôlego este ano

será muito boa neste ano, com destaque para a soja, projetamos crescimento de quase 7% para o PIB da agricultura”, avaliou Serrano.

Apesar do dado mais fraco, as perspectivas sobre a condução da política monetária não foram alteradas. A próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) acontecerá em março

e a expectativa é de um aumento da taxa básica de juros, a Selic, em 1 ponto percentual.

“Em resposta a essas pressões inflacionárias persistentes, o Copom decidiu, em sua última reunião, aumentar a taxa Selic em 1 ponto percentual, alcançando 13,25% ao ano”, lembrou Pedro Ros, CEO da Referência Capital. (RG)

Para FGV, país cresceu 3,5%

» RAPHAEL PATI

De acordo com o Monitor do PIB, publicado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), a economia brasileira cresceu 3,5% no ano passado, na comparação com 2023. Os dados foram divulgados ontem e ainda não são os números oficiais do PIB, que é divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e deve sair só no próximo mês de março.

Segundo o relatório, todos os componentes da economia tiveram crescimento em 2024, com exceção da agropecuária. Setores como indústria, serviços e consumo das famílias — que cresceu 5,2% — registraram um resultado melhor no período do que nos 12 meses anteriores. Na avaliação da coordenadora da pesquisa, Juliana Trece, desde o início do ano houve um crescimento disseminado da economia em diversas atividades.

“O crescimento de 3,5% do PIB em 2024, embora seja semelhante ao de 2023 (3,2%), conta uma

história diferente. Em 2023, o resultado foi bastante influenciado pela agropecuária e pelas exportações. Em 2024, desde o início do ano notou-se um crescimento mais disseminado entre as diversas atividades econômicas, além dos retornos do crescimento dos investimentos”, avalia Trece.

Para 2025, a coordenadora do Monitor do PIB avalia que o desafio deve ser maior, devido aos altos riscos, tanto no cenário interno quanto no externo. “Pelo lado interno, os juros elevados, com efeitos negativos na atividade econômica, atingem principalmente os investimentos. Já no ambiente externo, novas imposições de tarifas podem comprometer o nível das exportações”, observa.

Em dezembro, o crescimento da economia foi de 0,3% na comparação com o mês anterior, descontados os efeitos sazonais. Em relação a dezembro de 2023, a taxa mensal variou positivamente em 3,1%. O último trimestre do ano registrou avanço de 4% ante o mesmo período de 2023.